

A face inferior do pescoço, tanto quanto mostra a fotografia, parece ser plana. Se de facto essa face inferior não mostra sinais de quebraçura, tal cabeça deve ter sido esculpida tal como se nos apresenta, e, sendo assim, a hipótese posta por Mário Cardoso de se tratar possivelmente de um ídolo, tem mais visos de veracidade do que se tratar de singela cabeça-troféu, hipótese que, no entanto, também poderá pôr-se, pelo facto de os ídolos, por via de regra, terem ampla representação somática.

Como troféus também podem ser consideradas algumas cabeças de porcos de granito («berrões proto-históricos») do norte de Portugal <sup>(1)</sup>, e ainda uma cabeça de guerreiro lusitano de que nos ocupamos noutro artigo deste mesmo fascículo.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»  
Faculdade de Ciências da Universidade do Porto  
Outubro de 1978

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR  
Presidente da S. P. A. E.

---

### O terreiro comunitário da Aboadela

(Amarante — Marão)

Aboadela é um velho povoado, hoje freguesia e uma das mais ricas do concelho de Amarante.

O *Dicionário Corográfico de Portugal Continental e insular*, de Américo Costa, vol. I, pág. 28 e seguintes, trata da Aboadela e diz: «Esta antiga freguesia, que o Padre Carvalho chama Santa Maria de Bobadela, fazia parte da Honra de Ovelha, con-

---

<sup>(1)</sup> J. R. dos Santos Júnior, *A cultura dos berrões no nordeste de Portugal*, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», revista da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, vol. xxii, fasc. 4.º, págs. 353-515, 31 desenhos e LIII Est. com figs. 32 a 131.

juntamente com a freguesia de S. Pedro de Canadelo, e era da Coroa, com Juiz ordinário e de órfãos e com vereadores e procuradores eleitos pelo povo, com confirmação do corregedor de Guimarães».

A comarca foi também designada Honra de Ovelha do Marão. Foi vila e couto, e era uma das 10 beatrias do reino <sup>(1)</sup>.

D. Sancho I deu foral a Hermelo e a Ovelhinha (Ovelha do Marão), em Guimarães em Abril de 1196.

D. Afonso II o confirmou em Santarém, em Março de 1212.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, em 3 de Junho de 1514.

Está situada ao fundo da vertente ocidental da Serra do Marão, num fértil vale onde corre o rio Ovelha, que ali é atravessado por uma ponte romana de 4 arcos e com faixa de rodagem de 3,40 m.

Por aquela ponte passava a velha estrada romana, no troço de Amarante a Vila Real.

No topo da ponte assente na margem esquerda do rio Ovelha existem dois monumentos: dum lado o pelourinho, e do outro lado a cruz do perdão <sup>(2)</sup>.

---

<sup>(1)</sup> Beatrias eram as povoações que antigamente tinham especiais privilégios. Assim os proprietários não tinham nenhum encargo para com a coroa, excepto o serviço militar em condições restritas; o povo escolhia o senhor, digamos, o governador, com inteira liberdade, e até sem ser necessária a confirmação régia. A beatria era pois aquela espécie de senhorio em que os vassallos elegiam por senhor a pessoa do seu agrado, já sem limitação alguma, já entre os pertencentes a determinada linhagem. Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Vol. iv, pág. 417.

<sup>(2)</sup> A razão do nome de *cruz do perdão* corre na tradição ter sido a seguinte. Determinado criminoso foi condenado à morte por enforcamento, que seria um labéu, mancha infamante a estender-se sobre a família do criminoso.

Para se libertarem de tal desonra induziram o criminoso a suicidar-se na prisão.

Deste modo os parentes do condenado conseguiram o perdão da afrontosa desonra que sobre eles cairia se o parente criminoso fosse justificado pelo enforcamento, e mandaram erguer aquela cruz junto da casa que foi tribunal e cadeia.

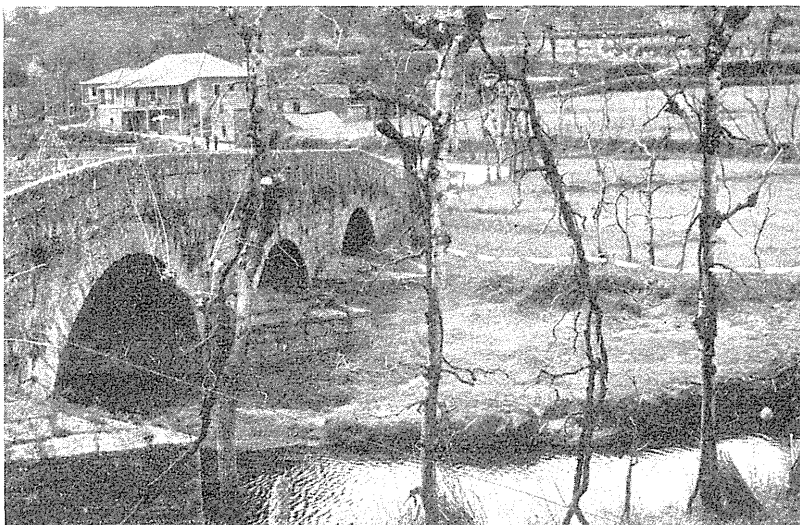


Fig. 1 — Aspecto parcial do terreiro do cabo da ponte, que se estende mais uma dezena de metros para a direita. A grande casa no segundo plano é a velha estalagem do tempo dos almocreves.

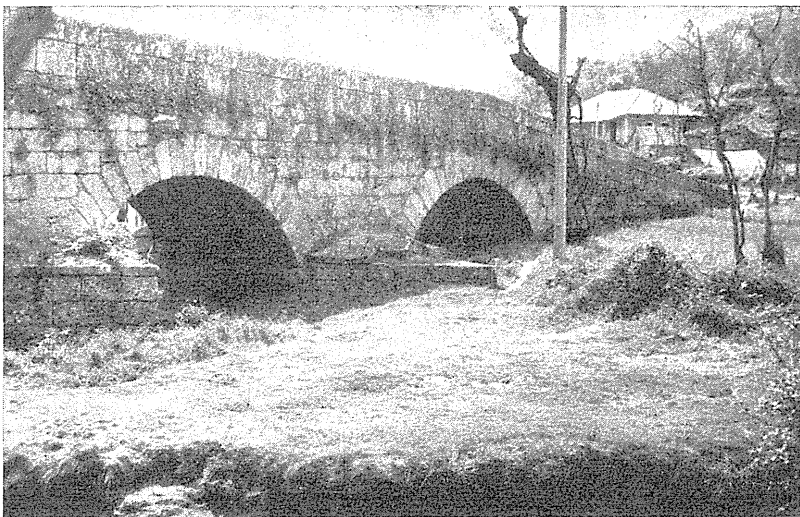


Fig. 2 — Porção do terreiro comunitário, ainda relvado, mas já invadido por silvas para a direita das quais cresce uns 15 metros.

No outro topo, margem direita do rio, há um pequeno terreiro, triangular e relvado, que bordejia o rio numa extensão de cerca de 30 m.

Ao correr da ponte o terreiro abrange dois quebra-mares e tem de comprimento apenas 15 m.

Do lado poente o actual limite do terreiro está marcado por uma fiada de choupos à borda do campo confinante, e tem de comprimento 22 m. Parece que antigamente o limite do terreiro ia além da relativamente recente fiada de choupos.

Este pequeno triângulo relvado é do povo.

Por ficar ao lado e junto do topo ocidental da ponte é chamado o *terreiro do cabo da ponte*.

É tradição que aquele terreiro foi sempre comunitário e local de congregação social.

É bem sabido que a tradição é fonte pujante de relato de ocorrências remotas, transmitidas oralmente de geração em geração, trazidas até à actualidade, em fervor saudosista, tantas vezes aureoladas pelo encanto e valor do seu significado, cheio de altruismo ou de valentia, ou de nobre sentido patriótico, ou de abnegação, ou de amplo sentido social congregante, como parece ter sido o justo significado daquele terreiro comunitário.

Aquele terreiro era juntoiro da mocidade, que ali passava tardes inteiras em danças e cantares.

Diz-se, e é bem possível que assim fosse, que ali se juntavam os homens bons e grados, bem conceituados por todos os vizinhos — os chamados homens de respeito — para decidirem como resolver tantos problemas de interesse colectivo.

Consta que ali se ajustavam casamentos. Em tais casos pode dizer-se que tais ajustes tinham penhor social.

Os homens de respeito, com a assistência de maior ou menor número de vizinhos, combinariam a oportunidade, e como, se fariam certos serviços de interesse comum. Como se sabe o mesmo sucedia em muitas povoações de Trás-os-Montes.

Naquele terreiro se combinaria a reparação de caminhos e calçadas, a limpeza das fontes, a exploração ordenada dos maninhos, pelo pastoreio, pelo corte de árvores e de matos, e, dum modo geral, todos os assuntos de interesse colectivo.

Assim aquele terreiro comunitário, em manifestações de pura democracia, teria sido assembleia de resoluções em prol do bem comum, decididas pelos homens de respeito, em serviços que todos os vizinhos aprovavam e em que todos participavam animosamente.

Quinta do Carregal — Aboadela — Amarante  
Agosto de 1978

MÁRIO DE MORAIS PEIXOTO  
Professor primário aposentado

---

### A lenda da Fraga Nédia — Marão

A Fraga Nédia é uma pequena e agreste escarpa rochosa, logo a seguir à ponte da Fraga Nédia sobre o rio Olo, na borda da estrada florestal que vai da Sapinha a Fridão.

O rio Olo nasce nas Lamas de Olo. Ao passar nos Cabris forma a majestosa queda de água, em cujo despenhadeiro as águias fazem, ou faziam, os seus ninhos.

É tão agreste aquele recanto da Fraga Nédia, de margens tão alcantiladas e pedregosas, que corria nos povos das redondezas o seguinte dizer. — No dia em que ali passar uma estrada, está o mundo a chegar ao fim.

A montante da ponte, a mata é muito densa e impenetrável. Há quem julgue aquele pedaço de mata resto da primitiva cobertura florestal do Marão.

A aspereza e o empinado das margens do rio, e a anexa mata espessa e impenetrável, com a fiada rochosa da Fraga Nédia, a que a abertura da estrada cortou um pedaço, são impressionantes, e, sem dúvida, prestam-se à criação da lenda que considerou aquela Fraga como coito do Diabo.

Conheci, quando menino, o Sr. Manuel Alves, afamado pescador à chumbeira e frequentador do rio Olo, que ele conhecia, pode dizer-se, como as suas mãos.